

António Torrado

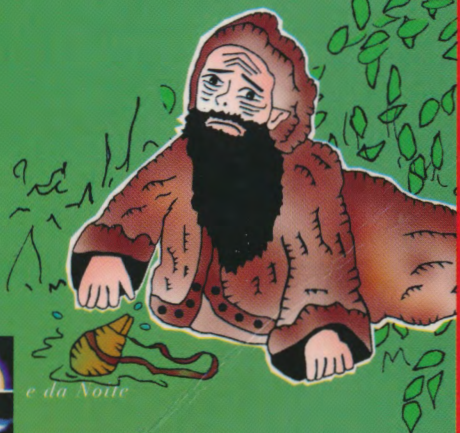
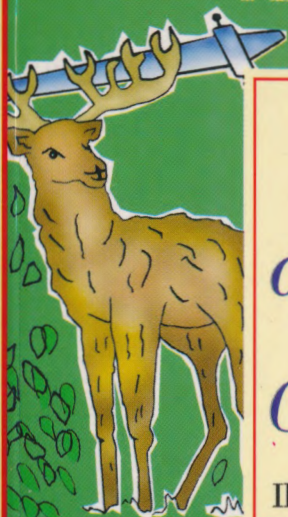
# *Doze de Inglaterra*

seguido de

## *O Guarda-Vento*

Ilustrações de Patrícia Fidalgo

CAMINHO



Nascer do Dia

e da Noite

António Torrado

*Doze  
de Inglaterra*

seguido de

*O Guarda-Vento*

CAMINHO

Ilustrações de Patrícia Fidalgo

*Livros do Dia*



*e da Noite*

António Torrado

# Doze de Inglaterra O Guarda-Vento

DOZE DE INGLATERRA

seguido de

O GUARDA-VENTO

Autor: António Torrado

Ilustrações: Patrícia Fidalgo

Design gráfico: José Serrão

© Editorial Caminho, SA, Lisboa — 2000

Tiragem: 2000 exemplares

Impressão e acabamento: SIG — Soc. Ind. Gráfica

Data de impressão: Janeiro de 2000

Depósito legal n.º 145 740/99

ISBN 972-21-1309-7

[www.editorial-caminho.pt](http://www.editorial-caminho.pt)

## O Guarda-Vento

Uma versão abreviada da peça *O Guarda-Vento*, sob o título de *Sentinela Alerta*, estreou em 10 de Janeiro de 1999, no Teatro da Trindade. Versão e encenação de João Ricardo. Cenários de Gabriela Raposo. Figurinos de Cristina Novo. Sonoplastia de Octaviano Rodrigues. Intérpretes: Ângela Pinto, Augusto Portela, Catarina Magalhães, Eva Cabral, Filipa Pinheiro, Margarida Videira, Rui Lacerda e Rui Sérgio.

## Cena única

### (Espaço A)

*Sala de entrada de hospital, que dá acesso a um corredor de serviço e uma enfermaria.*

*Há duas saídas — a da porta de dois batentes, que dá para o corredor da enfermaria e a saída para a rua. Seria dramaticamente mais produtivo que se convencionasse que o movimento de entrada/saída para o exterior decorresse através da plateia, pelo meio do público. Assim acontecendo, a porta de dois batentes mais se destacaria.*

*Transitoriamente, haverá ainda, de preferência fora do enquadramento do palco, dois outros espaços iluminados (espaço B e espaço C), onde decorrerão os telefonemas entre o Duque de Káril e o General Hipólito.*

*A acção desenrola-se num verosímil reino centro-europeu não identificado, pelos fins do século XIX.*

*Personagens (por ordem de entrada em cena):*

Capitão (cerca de 35 anos)

Aia (70 anos)

Príncipe (10 anos)

Zé Soldado (20 e poucos anos)

2.º Soldado ou Soldadinho (20 e poucos anos)

Médico A e médico B (entre 40 e 50 anos)

Duque de Káril (40 anos)

General Hipólito (50 e tal anos)



*Palco em total obscuridade e silêncio.*  
*Vindo das costas do público, som de sineta frenética,*  
*em crescendo.*

*Ruído de carruagem à desfilada, aproximando-se.*  
*O estalar do chicote.*

*Vozes de incitamento. Gritos de aflição.*  
*O palco continua às escuras.*  
*Os sons, vindos das costas do público, intensificam-se.*  
*Percebe-se que a carruagem pára. Um tempo de silêncio.*

VOZ DO CAPITÃO DA GUARDA

*(Fora)*

Deixem passar. Deixem passar. Depressa. Deixem  
passar.

OUTRA VOZ

*(Fora)*

Ele não deu acordo de si.

ANTÓNIO TORRADO

OUTRA VOZ

*(Fora)*

Está muito mal.

VOZ DO CAPITÃO

*(Fora)*

Deixem passar. Deixem passar.

AIA

*(Aparecendo, vinda de outro ponto da sala, lancinante)*

Salvem-no. Salvem o príncipe que está a morrer.  
Salvem o meu menino.

*Dirige-se em direcção ao palco, (espaço A) que se ilumina.*

*Cenário de sala de acesso a uma enfermaria. Bancos corridos. Secretária vazia. Mostruário de utensílios médicos. Biombo. Cabide. Armário de metal. Macas de rodas.*

*Portas de dois batentes em destaque.*

*A Aia chega ao palco, implorativa e ansiosa, olhando na direcção da entrada do público. Acto contínuo, vindo de fora, um pequeno cortejo apressado com um Capitão da guarda à frente, de sabre em punho, dirige-se para o palco. Veemência dramática.*

CAPITÃO

Deixem passar. Deixem passar.

*Atrás do Capitão, dois soldados transportam aos ombros, numa padiola, o corpo inanimado do jovem príncipe. O cortejo atravessa o público e alcança o palco. Os soldados, que passamos a designar por Zé Soldado e Soldadinho, transferem o corpo para a maca de rodas.*

*Acorrem, vindos da porta de batentes, os dois médicos (Médico A e Médico B), de longas batas, eventualmente de barbas grisalhas e bastante parecidos um com o outro.*

*Para se distinguirem, um usará óculos e o outro não. Vêm apressados e darão, por gestos, ordens nervosas e desencontradas.*

*Capitão dirige as operações. Um dos soldados — o Soldadinho — acompanhado pelos dois médicos, empurra a maca, em direcção à porta de batentes.*

*A Aia acode a ajudar, mas o Capitão afasta-a.*

AIA

*(Suplicante)*

Eu quero cuidar do meu menino.

CAPITÃO

Não há tempo a perder. Vamos. Depressa.

AIA

O meu querido menino...

*Já o pequeno cortejo da maca ultrapassou o guarda-vento.*

CAPITÃO

Não atrapalhe, mulher. Saia da frente. (*Dirige-se ao soldado — Zé Soldado — que não empurrou a maca*) Não a deixes entrar. Não deixes entrar ninguém! Absolutamente ninguém! Percebes?

*Desaparece também ele por trás da porta de batentes. Fica Zé Soldado. Posta-se de sentinela à entrada da enfermaria. A Aia abate-se sobre um banco e chora.*

*Pausa de silêncio.*

AIA

(*Num assomo*)

Mas o que é ele mais do que eu?

ZÉ SOLDADO

É o capitão da guarda real.

AIA

(*Depreciativamente*)

O capitão... o capitão da guarda... serviu de muito. O que é que ele guardou?

ZÉ SOLDADO

Quando caiu do cavalo, o príncipe não levava comitiva.

AIA

Mas devia levar. Uma criança não pode andar assim ao desamparo, sem ninguém ao pé. *(Tenta entrar pela porta da enfermaria, mas o soldado trava-lhe os passos)*

ZÉ SOLDADO

Ordens do capitão.

AIA

*(Desdenhosa)*

Ordens... ordens... ainda o seu capitão não tinha nascido já eu andava com o príncipe ao colo.

ZÉ SOLDADO

Qual príncipe? Este? *(Com ironia)* Muito tempo demorou ele a crescer..

AIA

Pois não seria este, não. Estou com a cabeça tão confusa. Foi da correria em que vim. *(Num repente trágico)* Ai que desgraça! Que desgraça!

ZÉ SOLDADO

*(Protector)*

Sente-se, senhora. Não adianta estar assim. *(Impelindo-a para um dos bancos corridos)*

AIA

*(Deixando-se sentar e como que falando para ela própria)*

Andei com tantos príncipes ao colo, que já lhes perdi o conto. *(Num assomo de orgulho)* Sim, porque se esse aí é o capitão da guarda real, eu sou a ama, a Aia real. *(Evocativa)* Mudei as fraldas a reis e a príncipes. Aturei-lhes a febre, o sarampo, a papeira, os resfriados... Noites e noites sem pregar olho. Embalei-os com as minhas cantigas. Conte-lhes muitas histórias... *(Breve pausa)* Dei-lhes banho. *(Com ternura)* Os meus príncipes... *(Indignada)* O que é que um capitão percebe disso? *(Levanta-se, repentinamente, e vai investir para a porta da enfermaria)*

ZÉ SOLDADO

*(Desviando-se e apaziguando-a)*

Descanse. Pode ser que se salve. *(Noutro tom)* Uma vez, um rapaz lá da minha terra, também caiu do cavalo e...

AIA

Custa-me a crer que o meu príncipe caísse do cavalo. *(Comoção súbita)* Coitadinho do meu menino!

ZÉ SOLDADO

Caiu. Garanto-lhe. Foram dar com ele estendido, depois da Ponte dos Arcos, um bom espaço para lá da Tapada Real. Conhece o sítio?



AIA

Conheço. *(Limpendo as lágrimas e num rompante)*  
Eu vou lá dentro saber o que se passa.

ZÉ SOLDADO

*(Enfrentando-a)*

Não pode entrar.

*Breve luta de empurrão, que Zé Soldado leva a melhor. Pausa em que a Aia, aparentemente, se dá por vencida.*

AIA

Ouve. Eu sou uma velha. Tu és um garoto ao pé de mim. Nunca te ensinaram a obedecer aos mais velhos?

ZÉ SOLDADO

Ao meu capitão.

AIA

O teu capitão... Um bom badameco emproado me saiu o teu capitão. Um paspalho. Qual era o dever dele, qual era? Seguir o príncipe para onde quer que ele fosse. Protegê-lo. E ele que fez?

ZÉ SOLDADO

Tinha sido chamado ao Quartel-General. Quando ia para acompanhar o príncipe, chamaram-no. Eu sei, porque fui eu que levei o recado.

AIA

O recado de quem? (*Vai-se aproximando sorrateiramente da porta*)

ZÉ SOLDADO

Da parte do General Hipólito (*Ao mencionar o General, põe-se em sentido, mas logo desfaz o aprumo, quando se apercebe dos passos da Aia, em direcção à porta*)  
Deixe-se de teimas, senhora. Volte a sentar-se e sossegue.

AIA

Custa-me sabe-lo lá dentro, a sofrer e eu, aqui, sem préstimo. Que infelicidade. (*Chora*)

ZÉ SOLDADO

Vai ver que se safa. O tal rapaz da minha terra, que caiu do cavalo... Que não era bem cavalo. Era um macho... Mais burro que macho...

AIA

(*Não o ouvindo*)

Nunca teve sorte este menino. Primeiro morreram-lhe os pais, naquele atentado, sem quê nem porquê.

ZÉ SOLDADO

Vossemecê sabe que foram conspiradores bombis-